


Os verbetes *raça*, *etnia* e *etnicidade* em diferentes edições de dois dicionários de língua portuguesa: a questão da definição

The entry *race*, *ethnicity* [*etnia*] and *ethnicity* in different editions of two Portuguese language dictionaries: the question of the definition

Raquel Di Fabio* 

Aparecida Negri Isquerdo** 

RESUMO: O dicionário, nos diferentes períodos históricos, e de acordo com as necessidades dos seus usuários, registra o léxico de uma língua veiculado em diferentes instâncias de comunicação. Este trabalho discute resultados de estudo que teve como objetivo examinar em que proporção o dicionário traduz, por meio das definições apresentadas nos verbetes, mudanças ocorridas na sociedade, com base na análise das definições dos itens lexicais *raça* e *etnia* em dois dicionários gerais de língua portuguesa: Ferreira (1986; 2010) e Aulete (1987; 2011). O estudo analisou também o verbe *etnicidade* que não figura na primeira edição de ambos os dicionários. Tomou-se como base teórico-metodológica estudos da Antropologia (LARAIA, 2008); da Etnolinguística (COSERIU, 1978; VELARDE, 1991); da Antropologia Linguística (DURANTI, 1997) e da Lexicografia (BIDERMAN, 1984; 1993; 1998; REY, 1989). O estudo

ABSTRACT: The dictionary, in different historical periods, and according to the needs of its users, records the lexicon of a language conveyed in different instances of communication. This paper discusses the results of a study that aimed to examine the extent to which the dictionary translates, through the definitions presented to the entries, changes that have taken place in society, based on the analysis of the definitions of the lexical items *race* and *ethnicity* [*etnia*] in two general Portuguese-language dictionaries: Ferreira (1986; 2010) and Aulete (1987; 2011). The study also analyzed the entry *ethnicity*, which does not appear in the first edition of both dictionaries. It was taken as a theoretical-methodological basis was studies of Anthropology (LARAIA, 2008); Ethnolinguistics (COSERIU, 1978; VELARDE, 1991), Linguistic Anthropology (DURANTI, 1997) and Lexicography (BIDERMAN, 1984; 1993;

* Doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS/Três Lagoas/MS. rdfabio@terra.com.br

** Doutora em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela UNESP/Araraquara. Docente permanente na Pós-Graduação *stricto sensu* da UFMS – Estudos de Linguagens/FAALC e Letras/CPTL. aparecida.isquerdo@gmail.com

examinou, pois, os conceitos de *raça* e de *etnia* à luz da Antropologia, verificando em que proporção eles se refletem nas acepções atribuídas a essas unidades léxicas pelos dicionários consultados. A análise dos verbetes e o cotejo entre as duas edições das obras lexicográficas demonstraram relativa preocupação dos lexicógrafos quanto à atualização das acepções e a conseqüente assimilação de novos sentidos adquiridos pelo léxico em decorrência de mudanças culturais ocorridas na sociedade. Isso pôde ser observado em algumas acepções que compõem os verbetes em exame nas edições mais recentes das obras consultadas, em que os autores inserem, entre colchetes, explicações adicionais.

1998; REY, 1989). The study therefore examined the concepts of *race* and of *ethnicity* [etnia] in the light of Anthropology, verifying to what extent they are reflected in the meanings attributed to these lexical units by the dictionaries consulted. The analysis of the entries and the comparison between the two editions of the lexicographical works showed a relative concern of lexicographers regarding the updating of meanings and the consequent assimilation of new meanings acquired by the lexicon as a result of cultural changes that have taken place in society. This could be observed in some of the meanings that make up the entries under examination in the most recent editions of the consulted works, in which the authors insert, between square brackets, additional explanations.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico.
Dicionário. Sociedade. Cultura.

KEYWORDS: Lexicon. Dictionary.
Society. Culture.

1 Introdução

Drummond (ANDRADE, 2008, p. 25), nos versos de seu poema *Procura de poesia*, refere-se de uma forma bela ao léxico e ao seu respectivo lugar de registro, o dicionário: “[...] no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos. / Estão paralisados, mas não há desespero, / há calma e frescura na superfície intata. / Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.”. Entretanto, não só os poemas estão “inertes” na obra lexicográfica, mas também as narrativas, as notícias, as aulas, os textos científicos, as conversas, enfim tudo o que é dito e escrito.

O dicionário, repositório do léxico de uma língua, procura registrar, em cada período histórico, e de acordo com seus objetivos e as necessidades dos usuários, o léxico das línguas. Esse registro reflete o olhar do autor da obra e as mudanças sociais, uma vez que a língua de cada comunidade linguística é dinâmica e, por isso, muda de

acordo com a visão de mundo dos usuários e com as mudanças de comportamento das diferentes gerações de falantes. Eventuais transformações culturais e sociais são inevitáveis e cada povo reflete, em certa medida, essa dinâmica no léxico de sua língua. Como o dicionário registra o léxico da forma mais atualizada possível – levando-se em consideração que a produção de um dicionário impresso pode demandar tempo, a depender da sua tipologia e objetivos –, a sua importância é indiscutível como obra de consulta para qualquer falante de uma língua e, em especial, para os estudiosos desse idioma.

Este trabalho¹ tem como objetivo discutir em que proporção o dicionário traduz as mudanças sociais e culturais ocorridas na sociedade nas eventuais atualizações nas definições que compõem os verbetes, no caso deste estudo, os relativos às unidades lexicais *raça* e *etnia* em dois dicionários gerais monolíngues de língua portuguesa – Ferreira (1986; 2010) e Aulete (1987; 2011²) –, e *etnicidade*, item léxico não constante na nomenclatura nas edições mais antigas de ambas as obras, 1986 e 1987, respectivamente. A inserção desse verbete nessas obras lexicográficas, possivelmente tenha decorrido dos avanços dos estudos antropológicos, principalmente a partir da segunda metade do século XX, quando a discussão, por antropólogos, acerca do termo *raça*, levou-o a não ser mais empregado como sinônimo de *etnia*, termo esse considerado mais preciso quando se trata de características de povos com suas peculiaridades culturais, independentemente de seus traços físicos.

Assim, na estrutura deste texto, primeiramente são abordadas questões teóricas com base em estudos da Etnolinguística e da Antropologia Linguística e, pelo fato de o *corpus* da pesquisa ser constituído por verbetes de dicionário, também são

¹ A primeira versão deste estudo foi produzida em 2021, como avaliação final da disciplina Tópicos Especiais II: Diálogos entre Etnolinguística e Antropologia Linguística, ministrada pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, no Programa de Pós-graduação em Letras – Doutorado – UFMS/Três Lagoas.

² O Aulete (2011) é um dicionário do tipo 4, direcionado para estudantes do Ensino Médio e foi selecionado pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) dicionários 2012 para uso nas escolas de Ensino Básico. Por incluir um número considerável de entradas (75.756 verbetes) julgou-se adequado para esta averiguação, uma vez que atende os parâmetros de um dicionário geral de língua.

pontuados princípios teóricos da Lexicografia. Além disso, dada a natureza dos verbetes em exame e em razão do avanço dos estudos antropológicos, também são discutidos os conceitos de *raça* e *etnia* à luz da Antropologia, para posteriores considerações sobre como esses termos são definidos pelos dicionários consultados para embasar este estudo.

2 Pressupostos teóricos

Como base teórica deste trabalho, são retomadas contribuições de estudiosos das disciplinas já mencionadas na introdução: Etnolinguística, Antropologia Linguística, Lexicografia e Antropologia.

2.1 Estudos etnolinguísticos, Antropologia Linguística e conceito de cultura

A língua portuguesa falada no Brasil, a exemplo das demais línguas, tem sofrido mudanças, assim como as que ocorrem com todas as demais línguas faladas no mundo, dos mais remotos tempos até a atualidade. É natural, então, que o léxico dessa língua esteja em constante expansão, por ser dinâmico e absorver muitas influências de natureza extralinguística no decorrer de sua história, incluindo fatores culturais que têm uma estreita relação com a língua de uma sociedade. Assim, ter em mente essa proximidade, bem como o conceito de cultura ao analisar itens lexicais de uma língua torna-se um imperativo.

De acordo com Sapir (1971, p. 216), “[...] o vocabulário de uma língua mais ou menos fielmente reflete a cultura a que ela tem por propósito servir, é perfeitamente justo dizer que a história da língua e a história da cultura seguem linhas paralelas”. Nesse sentido, o estudo da língua envolve a descrição de sua cultura³. Apesar de não

³ O conceito de cultura, de acordo com Laraia (2008, p. 25-33), teve, como antecedentes históricos, o termo germânico *kultur*, que era usado para simbolizar os aspectos espirituais de uma comunidade, a par do termo *civilization*, empregado para referir-se às realizações materiais de um povo. Velarde (1991,

haver uma correlação absoluta entre uma e outra, essa relação não deve ser ignorada. Velarde (1991, p. 16-17), referindo-se ao pensamento de Vossler (1872-1949), argumenta que cada língua particular precisa ter relação, em cada época de sua história, com sua cultura e com a ideologia de seus falantes. Nas primeiras décadas do século XX, linguistas como Sapir e Whorf, pesquisadores norte-americanos, com base em pesquisas antropológicas sobre línguas ameríndias, passaram a defender as relações entre a língua e a cultura e entre a língua e o pensamento, pautados no princípio do “relativismo linguístico”. Antes, porém, na segunda metade do século XIX, filósofos e linguistas sofreram influências da teoria evolucionista de Darwin após a publicação da *Origem das espécies* (MIRA MATEUS, 2003, p. 85), em menor ou maior proporção.

Boas (1921, *apud* LARAIA, 2008, p. 35), antropólogo norte-americano, todavia, discordou dos pressupostos teóricos do Evolucionismo após entrar em contato com a cultura e a língua dos esquimós entre 1883 e 1884, o que o levou a acreditar que a Antropologia deveria reconstruir a história de povos ou regiões particulares e comparar a vida social de diferentes povos, “cujo desenvolvimento segue as mesmas leis”, ou seja, cada cultura segue seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos ocorridos. Assim, “a explicação evolucionista da cultura só tem sentido quando ocorre em termos de uma abordagem multilinear” (LARAIA, 2008, p. 36).

Já Whorf (1956) estudou a língua dos Hopi, o que lhe serviu de base para a “[...] teoria que desenvolveu durante os anos 30 sobre as relações entre língua e pensamento, com extensão para a interdependência língua-cultura [...]” (MIRA MATEUS, 2003, p. 85).

p. 11), por sua vez, concebe a cultura como o conjunto de tudo que o homem tem feito com o que a natureza lhe dá: com as coisas que estão ao seu redor, com os outros homens que com ele convivem e consigo mesmo. Isso envolve todo produto da atividade humana que, na Antropologia sociocultural, envolve técnica, norma e representação simbólica, sendo a língua inserida nesse último aspecto.

Nesse período, os intelectuais norte-americanos tinham o ponto de vista de que “[...] os povos não industrializados tinham sistemas linguísticos, culturais e de pensamento tão complexos e válidos como os povos considerados mais avançados, perspectiva que se opunha ao determinismo biológico⁴” (MIRA MATEUS, 2003, p. 85).

Whorf defendia que as línguas refletem diferentes apreensões da realidade, o que explica a dificuldade de uma frase ser traduzida com exatidão, reforçando a tese do relativismo linguístico. Whorf e Sapir agregaram suas posições à corrente teórica denominada de Hipótese Sapir-Whorf, apesar das diferenças de perspectiva de ambos sobre a relação entre língua e cultura. Na obra de Sapir de 1921, a relação entre língua, raça e cultura não implica uma interdependência, sem relação de causa e efeito entre língua e cultura (MIRA MATEUS, 2003, p. 85).

Conforme as teorias linguísticas representativas dos anos 60 e 70 do século XX, o homem possui um tipo de organização intelectual único: a sua capacidade de pensar. Como o objeto de investigação passou a ser os estados da mente que fazem parte do comportamento linguístico, a cultura ficou em segundo plano no conjunto dos interesses dos linguistas, exceto para os sociolinguistas, cuja atenção voltou-se para a variação linguística e para o estudo dos fatores internos e externos⁵ que interferem na variação e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de perspectivas teóricas da área, uma vez que “[...] a variação das línguas não resulta apenas das capacidades

⁴ Para o determinismo biológico, existem estereótipos quanto às características de pessoas de diferentes grupos humanos, porém isso não é corroborado pelos antropólogos, já que nem mesmo o comportamento diferente que existe entre homens e mulheres é determinado biologicamente. Nesse caso específico, o comportamento dos indivíduos depende do aprendizado e isso se deve ao fato de que meninos e meninas são educados de forma diferente (LARAIA, 2003, p. 17-20).

⁵ Mudança cultural interna: “[...] pode ser lenta, quase imperceptível para o observador que não tenha o suporte de bons dados diacrônicos. O ritmo, porém, pode ser alterado por eventos históricos tais como uma catástrofe, uma grande inovação tecnológica ou uma dramática situação de contato”. Mudança cultural externa: se dá por meio de contato com outro grupo cultural, é mais estudada e mais frequente “[...] na maior parte das sociedades humanas. É praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna. [...]. Por isso, a mudança proveniente de causas externas mereceu sempre uma atenção por parte dos antropólogos” (LARAIA, 2008, p. 96).

cognitivas do homem, mas da interacção dos factores estritamente linguísticos e dos factores sociológicos [...]” (MIRA MATEUS, 2003, p. 87).

A Antropologia Linguística, por seu turno, em muito tem contribuído com os estudos da língua relacionada à cultura, pois estuda a linguagem a partir das bases de conhecimento da Antropologia. Trata-se de um campo de estudo interdisciplinar que busca compreender a língua como um modo de pensamento e prática cultural, “[...] um modo de ação que pressupõe a ambos e, ao mesmo tempo, gera novas formas de estar no mundo” (DURANTI, 1997, p. 1)⁶. Dois conceitos de cultura apontados pelo autor servem de norte para este estudo: i) “cultura como algo distinto da natureza [...] como algo aprendido, transmitido, herdado de geração em geração por meio das ações humanas, quase sempre na forma de interação face a face” (DURANTI, 1997, p. 24)⁷, isto é, de forma oral; ii) “cultura como conhecimento [...] em termos de conhecimento de mundo [...] o que podíamos chamar de *perspectiva cognitiva* da cultura” (DURANTI, 1997, p. 27)⁸, em que todos os indivíduos, escolarizados ou não, a detêm, ou seja, é o conceito de cultura como conhecimento de mundo compartilhado por uma dada sociedade (DURANTI, 1997, p. 24-28). Esse segundo conceito levou os antropólogos cognitivos na década de 1960 a estudarem os sistemas terminológicos a fim de detectarem como as pessoas entendem o mundo a sua volta e realizam suas práticas cotidianas. Isso não significa que todos os membros de uma sociedade veem o mundo da mesma forma, pois nem duas pessoas que usam expressões idênticas têm crenças iguais “[...] ou a mesma compreensão de uma situação determinada, os estereótipos

⁶ “[...] as a form of action that both presupposes and at the same time brings about ways of being in the world” (DURANTI, 1997, p. 1). Tradução nossa.

⁷ “Culture as distinct from nature [...] that of something learned, transmitted, passed down from one generation to the next, through human actions, often in the form of face-to-face interaction” (DURANTI, 1997, p. 24). Tradução nossa.

⁸ “Culture as knowledge [...] in terms of knowledge of the world [...] what we might call the *cognitive view* of culture” (DURANTI, 1997, p. 27). Tradução nossa.

são reproduzidos rotineiramente por meio do uso irrefletido de expressões linguísticas que pressupõem gênero, raça ou diferença de classe” (DURANTI, 1997, p. 32)⁹.

Aspectos culturais da sociedade mudam, assim como ocorrem mudanças linguísticas, porém, o que envolve a cultura de um povo tende a mudar muito mais rapidamente que os elementos linguísticos, porque, embora esses últimos sofram, sim, “[...] mudanças, não se prestam facilmente a reformulações, devido ao caráter subconsciente da classificação gramatical [...] a tendência conservadora se faz sentir muito mais profundamente nos lineamentos essenciais da língua do que na cultura” (SAPIR, 1969, p. 60-61). Assim, é certo que rápidas mudanças culturais farão com que mudanças linguísticas sejam aceleradas, mas não tão rapidamente como as culturais, que envolvem, de acordo com Coseriu (1981, p. 25), os saberes acerca das coisas, como ideias, crenças, concepções e ideologias. Além disso, para Velarde (1991, p. 47)¹⁰, “[...] o que uma comunidade linguística aceita ou rechaça se guia pelas coordenadas de necessidades e valores vigentes dentro dela em cada momento da história [...]”.

No caso específico deste trabalho, observa-se que a substituição quanto ao emprego do termo *raça*, amplamente mencionado por Sapir em suas publicações, por *etnia*, nos textos científicos contemporâneos, por exemplo, se deve ao fato de os estudos já mencionados motivarem os pesquisadores a defenderem que o termo *raça* não era adequado para o conceito em questão, ou seja, não refletia a verdadeira essência do que se queria depreender, a saber, a relação com aspectos culturais de um povo e não com diferentes características físicas.

Dessa forma, a fim de minimizar equívocos de natureza semântica (e/ou ideológica) quanto a possíveis usos dos termos *raça* e *etnia* como equivalentes, quando

⁹ “[...] or the same understanding of a given situation, stereotypes are routinely reproduced through the unreflective use of linguistic expressions that presuppose gender, race, or class differentiation.” (DURANTI, 1997, p. 32). Tradução nossa.

¹⁰ “[...] lo que una comunidad idiomática acepta o rechaza se guía por las coordenadas de necesidades y valores vigentes dentro de ella en cada momento de la historia [...]” (VELARDE, 1991, p. 47). Tradução nossa.

não os são, passou a ser incorporada aos dicionários a acepção atualizada do termo que exprime de forma mais precisa cada conceito, o que permite o uso de cada um deles de forma mais adequada a cada contexto e, por consequência, garantir que os diferentes conceitos fiquem claros para os consulentes.

2.2 Lexicografia: o dicionário e sua estrutura

A Lexicografia é concebida por alguns estudiosos como a técnica da feitura de dicionários. Porém, o estudo lexicográfico é mais complexo, visto que implica antes um estudo lexicológico, por isso, alguns aspectos relacionados à estrutura do dicionário devem ser esclarecidos.

Segundo Biderman (1984, p. 28), existe certo consenso quanto à classificação dos dicionários, no que se refere ao número de entradas de verbetes: o dicionário geral ou *thesaurus* teria cerca de 100.000 ou mais palavras-entrada; o padrão tem aproximadamente 50.000. Para a autora, “[...]o dicionário de tipo padrão tende a exercer um papel normativo dentro da comunidade dos falantes. Na sociedade brasileira contemporânea, o Aurélio vem executando essa função [...]”.

Já quanto à microestrutura do dicionário, ou seja, cada um dos seus verbetes, também é definida segundo parâmetros teóricos fornecidos pela Lexicografia. Do ponto de vista de Biderman (1998, p. 137-140), primeiramente, deve-se considerar a fundamentação teórica que forneça os critérios para a escolha das unidades léxicas que constituirão as entradas do dicionário. Esse é um problema normalmente apontado em relação ao *Aurélio*, uma vez que o dicionarista não informa os procedimentos adotados por ele e por sua equipe para selecionar as entradas do dicionário.

Outro aspecto relevante é o tipo de definição adotada na obra. Biderman (1993, p. 23; 29), por exemplo, esclarece que, em Lexicografia, “[...] a definição de uma palavra consiste numa paráfrase dessa palavra, equivalente a ela semanticamente [...]”, ou seja, “[...] baseia-se numa análise conceptual [...]”. Esse seria o melhor método, conforme a

lexicógrafa brasileira, para quem a forma ideal de definição é a hiperonímica (paráfrase por hiperonímia)¹¹, “[...] em que se utiliza um hiperônimo (arquilexema) como classificador básico em cuja classe se inclui o nome definido. É utilizada tanto com substantivos concretos como abstratos [...]”.

As marcas de uso, em especial, são indicadoras da ideologia da obra, o que fica evidente pela escolha de classificação adotada pelo dicionarista. Um dos aspectos dessas marcas é a relação existente entre elas e o fenômeno da variação linguística de cada língua, o que não deve ser desconsiderado na estrutura de um verbete. Conforme Strehler (1998, p. 170-172), a posição ideológica assumida pelos autores de um determinado dicionário “[...] pode ser [...] explicada através das noções de estratificação horizontal (regionalismos) e vertical (registros) [...]”. Essa última implica a linguagem formal ou informal, de modo genérico, porém, alguns dicionários classificam-nas, de forma mais específica, como popularismos ou coloquialismos, plebeísmos, gíria, linguagem familiar, infantil, chula etc. As palavras que recebem esses tipos de marcas são, portanto, as marcadas estilisticamente. Também são normalmente inseridas no dicionário padrão de língua, com as devidas marcas de uso relativas às diferentes áreas de especialidades, termos pertencentes a uma determinada ciência ou atividade precisas, que influenciam a vida de uma comunidade linguística em geral. Rey (1989, p. XVII), por exemplo, na apresentação do dicionário Petit Robert, aponta cinco grupos dessas marcas: uso temporal, espacial, social, de frequência, além dos tecnoletos (ou marcas de uso diatécnicas).

2.3 O discurso do dicionário

Barros (2000, p. 75-76), ao examinar o dicionário como discurso, aponta relações que se estabelecem entre os efeitos de sentido por ele produzidos na sociedade (de

¹¹ Além desse tipo de definição substantiva – definição hiperonímica –, existem outras paráfrases aceitáveis: a metonímica, a enumerativa, a antonímica e a definição por aproximação (BIDERMAN, 1993, p. 29).

inventário do saber linguístico; de discurso competente sobre a língua; anônimo da coletividade; de neutralidade ou imparcialidade própria da objetividade do saber – fora do alcance das determinações sócio-históricas e ideológicas, na tentativa de não apresentar conceitos tão tendenciosos; de legitimador dos usos e regulador das mudanças linguísticas) e as estratégias discursivas que emprega (escolha de abonações e exemplos provindos de usuários de prestígio; apagamento das marcas da enunciação; escolha das acepções; modo de organizar cada verbete; construção geral do dicionário), além de mostrar aspectos do universo semântico-cultural que o dicionário revela e as imagens de norma e de língua que constrói.

Nessa perspectiva, é no âmbito do discurso¹² que devem ser estudados os aspectos sociais que determinam a linguagem. Barros (2000, p. 84) mostra que existe uma forte influência sócio-histórica e ideológica no discurso do dicionário. Cita como exemplos as análises dos verbetes “trabalho” (analisado pela autora) e “mulher” (analisado por Krieger em 1995). No caso desse último, informa que a autora examinou seis dicionários publicados de 1899 a 1992, tendo por objetivo mostrar a falta de neutralidade do discurso lexicográfico e a mudança ideológica dos conceitos com o decorrer do tempo. Nos dicionários de 1975, a unidade lexical *mulher* é definida como “[...] espécie feminina do gênero humano e seus dois papéis sociais, de esposa e de prostituta”, enquanto nos dois dicionários mais recentes “[...] a mulher é definida como ‘ser humano do sexo feminino’ e ocupa outros papéis sociais, além dos de esposa e prostituta” (BARROS, 2000, p. 84).

Quanto ao verbete “trabalho”, examinado com base em *Aurélio*¹³ e em *Aulete* (1970) por Barros (2000, p. 85), a diferença mais significativa identificada pela

¹² Devido a diversidade de concepções da palavra “discurso”, julga-se oportuno esclarecer o conceito adotado neste trabalho, ou seja, o de Orlandi (1987, p. 157-158) que define discurso como fenômeno intermediário entre a língua (geral) e a fala (individual), isto é, a partir de formações discursivas que, por sua vez, integram uma ou mais formações ideológicas. Segundo a autora, considera-se o discurso como fenômeno social uma vez que “[...] as formações discursivas determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada”.

¹³ A autora não menciona a edição do dicionário *Aurélio* consultada para o seu trabalho.

pesquisadora foi a abordagem do viés socioeconômico do trabalho em uma sociedade de classes, ao inserir no verbete definições de “trabalho livre”, “trabalho servil”, “sem trabalho” e “crise de trabalho”. O *Aurélio*, “[...] embora apresente o termo ‘trabalho’ na física, na biologia, no turfe e mesmo na economia” (BARROS, 2000, p. 85), não trata desse tema. Porém,

[...] a principal dificuldade encontrada nesse tipo de estudo é a de estabelecer se as determinações sociais dos discursos dos dicionários são características de um dado momento nas relações entre língua e sociedade [...] ou apenas refletem as ‘visões’ de uma camada social determinada, a do dicionarista. Os nossos dicionários não se preocupam nunca com essas questões, nem mesmo os dicionários de uso (BARROS, 2000, p. 85).

2.4 Conceitos de *raça* e *etnia*¹⁴

O termo *raça*, conforme Munanga (2003, p. 1), “[...] foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais [...]”. No latim medieval designava a descendência de pessoas que têm algumas características físicas em comum. Nos séculos subsequentes, “[...] o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França [...]”, legitimando “[...] as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais [...]” mesmo que não houvesse “[...] diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes [...]”.

No século XVIII, no entanto, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e, por isso, a espécie humana ficou dividida em três raças: branca, negra e amarela. Na verdade, a cor tem a ver com a concentração de melanina na pele das

¹⁴ Os conceitos aqui apresentados são baseados em palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB - RJ, em 05/11/03, pelo antropólogo Kabengele Munanga, congolês, naturalizado brasileiro, professor sênior na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em atividade no Centro de Estudos Africanos (CEA) e integrando o Grupo de Pesquisa Diálogos Interculturais do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP.

peças, cujo patrimônio genético está presente em menos de um por cento dos genes. Assim, no século XIX, o conceito agregou outros critérios morfológicos como a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do formato do crânio, o ângulo facial etc. para aperfeiçoar a classificação (MUNANGA, 2003, p. 3-4).

No século XX, o avanço dos estudos na área da genética humana demonstrou que os elementos químicos encontrados no sangue de cada pessoa fazem com que haja muitas similaridades entre os indivíduos que estavam sendo classificados como pertencentes a raças distintas e diferenças entre os de uma mesma raça. Por esse motivo, muitos “[...] biólogos anti-racistas chegaram até sugerir que o conceito de raça fosse banido dos dicionários e dos textos científicos [...]”, pois, para eles, o uso desse termo representa “[...] uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão [...]”. Mesmo assim, “[...] o conceito persiste tanto no uso popular como em trabalhos e estudos produzidos na área das ciências sociais [...]” (MUNANGA, 2003, p. 4-6).

Enquanto o termo *raça* se reporta a características morfológicas, *etnia*, ao contrário, remete ao contexto sociocultural, histórico e psicológico: grupo de pessoas “[...] que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território” (MUNANGA, 2003, p. 12). O conceito de *raça* é ainda empregado por “[...] pesquisadores brasileiros que atuam na área das relações raciais e interétnicas [...] não mais para afirmar sua realidade biológica, mas sim para explicar o racismo [...]”, pois esse fenômeno ainda se baseia na crença de “[...] raças hierarquizadas, raças fictícias ainda resistentes nas representações mentais e no imaginário coletivo de todos os povos e sociedades contemporâneas [...]”. Isso demonstra que apenas substituir o termo *raça* por *etnia* não é suficiente, pois o racismo subjacente ainda persiste.

Tendo por base esses esclarecimentos básicos sobre os conceitos de *raça* e *etnia*, na continuidade do trabalho são apresentados e comparados os verbetes *raça* e *etnia*

extraídos dos dicionários a seguir especificados, bem como o verbete que foi inserido nas edições mais recentes dos dicionários que formam o *corpus* deste estudo.

3 Demonstração e comparação dos verbetes

Na sequência são apresentadas por meio dos quadros 1, 2, 3 e 4 as transcrições dos verbetes *etnia*, *raça* e *etnicidade*, registrados *ipsis litteris* da forma como figuram nas obras-fontes. Na sequência de cada quadro apresenta-se a análise que também aponta as eventuais mudanças no texto definitório disponibilizado em cada edição da obra que têm um intervalo de 24 anos em termos de publicação.

Quadro 1 – Verbetes *etnia* no dicionário *Aurélio* (1986 e 2010).

Verbetes original (1986) ¹⁵	Verbetes atualizado (2010)
etnia. [De <i>etn(o)</i> + <i>-ia</i> .] S. f. <i>Etnol.</i> Grupo biológico e culturalmente homogêneo.	etnia (De <i>etn(o)</i> - + <i>-ia</i> ¹ S. f. <i>Antrop.</i> 1. População ou grupo social que compartilha crença em homogeneidade cultural e/ou linguística, ou em história e origem comuns. [Neste sentido, tb us., a partir do início do sec. XX, em substituição a termos como <i>nação</i> , <i>povo</i> e <i>raça</i> , para designar as sociedades e grupos até então ditos <i>primitivos</i> .] 2. Grupo com relativa homogeneidade cultural, considerado como unidade dentro de um contexto de relações entre grupos similares ou do mesmo tipo, e cuja identidade é definida por contraste em relação a estes. [Sin., nesta acepç.: grupo étnico.]

Fonte: elaboração das autoras.

Em se tratando de marcas de uso diatécnicas, a edição mais antiga indica que se trata de um termo do âmbito da Etnologia, enquanto a de 2010 informa tratar-se de

¹⁵ Foi consultada também a primeira edição do Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975), porém, a única diferença identificada em relação à de 1986 é a forma como são apresentadas as entradas: a primeira (1975) está grafada com inicial maiúscula enquanto na segunda (1986) figura com todas as letras minúsculas. Não houve mudanças quanto ao conteúdo do verbete.

um termo da Antropologia. No caso desse verbete, percebe-se a mudança no texto da definição, provavelmente por influência dos estudos da área específica, o que fica evidente com a explicação registrada entre colchetes, que se coaduna com a defendida por Dick (2008, p. 195): “Hoje, o termo *etnia* adquiriu um sentido mais preciso, em substituição à idéia de *raça*, inadequado ao uso, para alguns pensadores, ontogeneticamente”. Com relação ao termo *Etnologia*, Aurélio (2010), na primeira acepção, marca como termo da Antropologia: “1. *Obsol.* O estudo histórico dos povos e suas culturas”, enquanto na segunda acepção registra: “Conjunto dos estudos antropológicos que procuram generalizar e sistematizar, por meio de comparação, análise e interpretação, os conhecimentos a respeito dos diferentes povos e suas culturas obtidos através da etnografia (1)”, na sequência faz remissiva para a primeira acepção do verbete *Etnografia*: “1. A parte dos estudos antropológicos que corresponde à fase de elaboração dos dados obtidos em pesquisa de campo.” (FERREIRA, 2010, p. 888).

Nota-se que a primeira acepção aproxima-se da apresentada por Munanga (2003, p. 12): “[...] conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura [...]”. Esse conceito também é corroborado por Dick (2008, p. 196) para quem “[...] o termo (etnia) incorpora, também, o conceito de língua-linguagem, [...] comporta o vínculo a um ancestral comum, originário do tronco básico formador das descendências clânicas, que significava, na origem, o pensar de todos [...]”.

Nesse sentido, é possível constatar a preocupação dos autores dos dicionários quanto à atualização das definições, incorporando concepções contemporâneas. O conceito anterior, certamente, refletia a cultura e a ideologia dos falantes da língua num dado momento histórico que se reporta à posição de Vossler (1929), mencionada por Velarde (1991, p. 17). Além disso, pode-se inferir que a preocupação dos dicionaristas considera a concepção de língua como um modo de pensamento e prática cultural, coadunando-se, assim, com os estudos antropológicos que concebem o “[...]”

estudo da língua como um recurso cultural, e da fala como uma prática cultural.” (DURANTI, 1997, p. 2)¹⁶, levando a interdisciplinaridade da Antropologia Linguística para a feitura dos dicionários.

Quadro 2 – Verbetes *etnia* no dicionário *Aulete* (1987 e 2011).

Verbetes original (1987)	Verbetes atualizado (2011)
ETNIA , s. f. (<i>etnol.</i>) grupo biológico e culturalmente homogêneo. F. gr. <i>Ethnos</i> (raça).	etnia (et.ni.a) <i>sf.</i> <i>Antr.</i> Grupo social diferenciado de outros por laços peculiares de cultura, religião, língua, comportamento etc., e que compartilha origem e história comuns. [F.: <i>etn(o)- + ia</i> ¹ .]

Fonte: elaboração das autoras.

Nota-se pelo Quadro 2 que o dicionário em questão contempla apenas uma acepção de *etnia*, em ambas as edições (1987 e 2011), mas com ampliação da definição na edição do *Aulete* de 2011, a exemplo do observado na edição mais recente do *Aurélio* (2010) (Quadro 1), inclusive ocorreu a mudança da marca diatécnica, de “*etnol.*” (1987) para “*Antr.*” (2011), o que aponta para a adequação da definição ao entendimento atual do uso do termo. Não há a inclusão de abonações¹⁷ ou exemplos nas duas edições a exemplo do dicionário *Aurélio*. Apenas a edição mais recente do *Aulete* que, além de ter ampliado a definição, substituindo “grupo biológico” por “grupo social”, ou seja, excluiu totalmente a ideia de que *raça* e *etnia* têm definições similares.

Esse procedimento corrobora a assertiva de Biderman (1998, p. 130) de que “[...] os dicionários recolhem o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social [...]”, além de incluírem “[...] a nomenclatura de todos os conceitos

¹⁶ “[...] *study of language as a cultural resource and speaking as a cultural practice*” (DURANTI, 1997, p. 2). Tradução nossa e grifos do autor.

¹⁷ Abonações são citações atribuídas a outrem, apresentadas para o melhor entendimento da acepção, enquanto os exemplos são formulados pelo próprio dicionarista ou por sua equipe. Farias (2020, p. 5131) esclarece que “Svensén (2009, p. 283) classifica os exemplos lexicográficos em dois grupos: exemplos autênticos [...] – que Welker (2004) denomina abonações – e exemplos não autênticos [...] ou editoriais [...], que se subdividem em exemplos adaptados [...] e exemplos inventados [...]”.

linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado [...]”. Isso quer dizer que o dicionário reflete o olhar de uma época, em termos culturais, e reproduz as mudanças ocorridas na sociedade.

Essa postura coaduna-se com o pensamento de Sapir (1969, p. 60-61) de que os aspectos linguísticos “[...] não se prestam facilmente a reformulações, devido ao caráter subconsciente da classificação gramatical [...]” assim, “[...] a tendência conservadora se faz sentir muito mais profundamente nos lineamentos essenciais da língua do que na cultura”. Os estudos antropológicos que envolvem o entendimento que levou os estudiosos da área a proporem o uso do termo *etnia* ao invés de *raça*, quando a referência é um grupo social, ocorreram durante o século XX. No entanto, a efetiva mudança linguística documentada pelos dicionários é observada apenas no século subsequente como evidenciado neste trabalho. Além disso, pode-se ter a confirmação de que existe uma forte influência sócio-histórica e ideológica no discurso do dicionário como o defendido por Barros (2000, p. 84).

Quadro 3 – Verbetes *etnicidade* nos dicionários *Aurélio* (2010) e *Aulete* (2011).

Dicionário <i>Aurélio</i> (2010)	Dicionário <i>Aulete</i> (2011)
<p>etnicidade [De <i>étnico</i> + <i>-(i)dade</i>.] <i>S. f. Antrop.</i> 1. Condição ou caráter do que é étnico. 2. Caráter ou qualidade atribuída a grupo étnico, no que se refere a sua distintividade e sua identidade sociocultural, e que implica, ger., mobilização política ou social em defesa dos valores ou interesses do grupo.</p>	<p>etnicidade (et.ni.ci.da.de) <i>Antr. sf.</i> 1. Condição ou sentimento de pertencer a um determinado grupo étnico 2. Grau de aceitação dos padrões culturais do grupo étnico pelos seus integrantes [F.: <i>étnico</i> + <i>-(i)dade</i>. Ver <i>etn(o)-</i>.].</p>

Fonte: elaboração das autoras.

O Quadro 3 apresenta o verbete *etnicidade* nos dicionários *Aurélio* e *Aulete*. As duas obras registram a classe gramatical, bem como a etimologia da unidade lexical (*Aurélio*, no início, antes da definição e *Aulete*, no final, após a definição), além da

indicação de marca de uso diatécnica: *Antrop.*, no primeiro, e *Antr.*, no segundo. Quanto à tipologia das definições, está em consonância com a forma ideal para o substantivo, qual seja, a hiperonímica (BIDERMAN, 1993).

Embora, em ambas as obras lexicográficas, apareçam duas acepções de *etnicidade*, a primeira acepção, nos dois dicionários, contém o mesmo substantivo hiperonímico na definição (“condição”), mas, enquanto *Aurélio* registra como alternativa o hiperônimo “caráter”, *Aulete* utiliza “sentimento”. Com essas diferentes escolhas, encaminham a definição para pontos de vista distintos. No caso do *Aurélio*, “caráter” evoca o sentido de caracterização, ao passo que “sentimento de pertencer”, escolha do *Aulete*, particulariza e atribui subjetividade ao sentido.

Procedimento similar foi adotado, pelas duas obras, na segunda acepção da definição, à medida que o ponto de vista do primeiro parte de um observador (“qualidade atribuída [por outrem] a grupo étnico”) e, do segundo, de um indivíduo inserido ao meio (“aceitação dos padrões culturais do grupo étnico pelos seus integrantes”). Essa é uma demonstração do ponto de vista defendido por Duranti (1997, p. 32) de que os membros de uma sociedade não veem o mundo da mesma forma, pois nem duas pessoas que usam expressões idênticas têm crenças iguais nem compreendem da mesma forma uma determinada situação, ou, no caso da definição do verbete, de um mesmo termo. Nesse caso, é possível perceber que os autores dos dois dicionários adotaram posturas sócio-históricas e ideológicas distintas, o que remete ao pontuado por Barros (2000, p. 84).

O *Aulete* (2011) traz uma remissiva¹⁸ no final do verbete o que facilita ao consulente a consulta ao verbete *etn(o)-*, que é o elemento de composição¹⁹ da unidade

¹⁸ “Envia o consulente a outro verbete, para lá obter uma acepção (formas: Ver *verbeta*, o mesmo verbete, o m. que *verbeta*, ou para obter outra definição análoga ou complementar (forma: Ver tb. *verbeta*.) [...]” (AULETE, 2011, p. XI).

¹⁹ No início do verbete, há o símbolo indicativo de *elemento de composição* e, logo em seguida, há a abreviação caracterizando-o como *prefixo*: “[®] *etn(o)- pref.*”. O emprego dos termos *elemento de*

lexical que está sendo definida: “= raça, nação, povo: *etnia, etnocentrismo, etnografia, etnologia*”. Nessa definição, inclui *raça* no escopo de *etnia*, pelos exemplos apresentados, embora, na definição de *etnia*, o verbete analisado anteriormente não incluía *raça* na definição, pois não contempla aspectos físicos (que necessariamente caracterizam *raça*), acertadamente, mas, aparentemente, “esqueceu” de atualizar o conceito no verbete em questão (*etno-*). Assim como *Aurélio* (2010), o dicionário *Aulete* (2011) não faz remissão a esse verbete, quanto à definição, ou seja, não faz a devida atualização referente ao conceito em consonância com o procedimento adotado na definição de *etnicidade*²⁰.

Quadro 4 – Verbetes *raça* no dicionário *Aurélio* (1986 e 2010).

Verbetes original (1986) ²¹	Verbetes atualizado (2010)
<p>raça¹ [Do it. <i>razza</i>.] S. f. 1. Conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos, tais como a cor da pele, a conformação do crânio e do rosto são semelhantes e se transmitem por hereditariedade, embora variem de indivíduo para indivíduo. 2. O conjunto dos ascendentes e descendentes de uma família, uma tribo ou um povo, que se origina de um tronco comum. 3. Ascendência, origem, estirpe, casta. 4.</p>	<p>raça¹ [Do it. <i>razza</i>.] S. f. 1. Conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos, tais como a cor da pele, a conformação do crânio e do rosto, o tipo de cabelo, etc., são semelhantes e se transmitem por hereditariedade, embora variem de indivíduo para indivíduo. 2. <i>Restr. Antrop.</i> Cada uma das grandes subdivisões da espécie humana, e que supostamente constitui uma unidade relativamente</p>

composição e *prefixo*, no entanto, varia um pouco de acordo com cada corrente teórica, porém não se pode tomá-los como sinônimos. Preferiu-se adotar o termo *elemento de composição* porque não “[...] é fácil estabelecer uma fronteira nítida entre derivação e composição, principalmente quando a estrutura em causa apresenta uma forma à esquerda que tem o estatuto de modificador do elemento da direita [...]” O elemento à esquerda seria, então “[...] prefixo ou elemento de composição?” (CORREIA; DE LEMOS, 2005, p. 3). Haveria que se fazer uma investigação mais detalhada nesse caso específico o que não foi o objetivo deste artigo.

²⁰ “[Do gr. *ethno-* <gr. *éthnos, eos-ous*.] El. Comp. = ‘raça’, ‘nação’, ‘povo’: *etnia, etnogenia, etnologia*.” (FERREIRA, 2010, p. 888).

²¹ Foi consultada também a edição de 1975. Da primeira até a oitava aceção não há mudanças nas edições de 1975 e 1986. A nona aceção da edição de 1975 equivale à décima de 1986, o que demonstra que, na última, houve o acréscimo de uma nova aceção, com sentido figurado. No caso das locuções formadas com a unidade lexical que constitui a entrada, houve uma inserção, na edição de 1986: “Acabar com a raça de.” Apesar de as mudanças não serem tão significativas como na última edição, é importante mencioná-las para reiterar que elas ocorrem com o passar do tempo, como é o defendido neste trabalho.

<p>Descendência, progênie, geração. 5. O conjunto dos indivíduos com origem étnica, lingüística ou social comum: A América recebeu, pela imigração, europeus de diferentes raças. 6. Geração; gente: Os sertanejos são uma raça forte. 7. Qualidade que se supõe própria de uma origem ilustre, como, p. ex. a distinção, a elegância, a coragem, o vigor. 8. Categoria, classe, espécie: Uma raça de motoristas imprudentes infestava a cidade. 9. Vontade firme, poderosa; grande determinação: "Fluminense vence com raça e coração" (Marcos Penido e Michel Laurence, <i>Jornal do Brasil</i>, 7.3.1983). 10. Subespécie animal resultante do cruzamento de indivíduos selecionados pelo homem para manutenção ou aprimoramento de determinados caracteres. [Aplica-se especialmente aos animais domésticos] ♦ Acabar com a raça de. <i>Bras. Pop. Matar, assassinar. Na raça.</i> <i>Bras. Gír. V. no peito e na raça. Ter raça.</i> <i>Bras.</i> 1. Ter ascendência africana. 2. Ser forte, lutador, bravo, brioso.</p>	<p>separada e distinta, com características biológicas e organização biológica próprias. [Diversos autores, seguindo critérios distintos de classificação, propuseram diferentes classificações da humanidade em termos raciais. A mais básica e difundida é a das três grandes subdivisões: caucasóide (raça "branca"), negroide (raça "negra") e mongolóide (raça "amarela"). Como conceito antropológico, sofreu numerosas e fortes críticas, pois a diversidade genética da humanidade parece apresentar-se num contínuo, e não com uma distribuição em grupos isoláveis, e as explicações que recorrem à noção de raça não respondem satisfatoriamente às questões colocadas pelas variações culturais.] 3. O conjunto dos ascendentes e descendentes de uma família, uma tribo ou um povo, que se origina de um tronco comum. 4. Ascendência, origem, estirpe, casta. 5. Descendência, progênie, geração. [...]</p> <p>♦ Acabar com a raça de. <i>Bras. Pop. Matar, assassinar. Na raça.</i> <i>Bras. Gír. V. no peito e na raça. Ter raça.</i> <i>Bras.</i> 1. Ter ascendência africana. 2. Ser forte, lutador, bravo, brioso.</p>
--	--

Fonte: elaboração das autoras.

No verbete *raça*, a edição de 2010, na segunda acepção, evidencia uma mudança em relação ao da edição anterior, trazendo a marca de uso diatécnica, o que indica que se trata da acepção que se restringe ao campo da Antropologia, sentido aproximado ao apresentado por Munanga (2003, p. 12) de que o conceito de *raça* tem relação com características morfobiológicas e não com os aspectos culturais. Assim como ocorreu com *etnia*, no verbete *raça* há o registro de um amplo esclarecimento, entre colchetes, o que sugere a consulta a fontes especializadas da área específica do conhecimento assinalada no início da definição (*Antrop.*). Além disso, revela uma amostra do grau de comprometimento e de responsabilidade dos autores de um dicionário para com a sociedade, no que diz respeito à temporalidade

das acepções contempladas pelos verbetes, no caso, com a atualidade de princípios da área técnica a que se vincula a acepção. Não é demais reiterar, de acordo com Duranti (1997, p. 26)²², que “[...] as línguas servem para categorizar o mundo natural e cultural de maneiras úteis. São valiosos sistemas de classificação (taxonomias) que podem dar inestimáveis indícios sobre as crenças e as práticas culturais”.

As terceira, quarta e quinta acepções são equivalentes às segunda, terceira e quarta da edição anterior, respectivamente. Nas acepções 6 e 7 (5 e 6, na edição anterior, de 1986), ao definir o termo, é apresentado um sentido equivalente à *etnia*, ou seja, atualizado o conteúdo semântico na segunda acepção, mantém o sentido antigo nessas acepções, inclusive registrando o mesmo exemplo da edição anterior. Isso demonstra o grau de dificuldade de que se reveste o estabelecimento de uma distinção clara entre conceitos, o que reitera a posição de Dick (2008, p. 195-196) a esse respeito: “Não é fácil [...] discutir e explicar o que é etnia, os sentidos que recobre, a delimitação de seu alcance teórico e metodológico, distinto do de raça, mas confundindo-se com ele, amiúde, no emprego prático de seu significado e aplicação [...]”. A edição de 2010 traz as mesmas locuções formadas com a palavra-entrada, já mencionadas, na edição de 1986, ou seja, lexis complexas que foram incorporadas ao verbete, tal qual a tradição portuguesa, como mencionado por Biderman (1998, p. 139).

Esse cotejo entre o conteúdo do verbete de duas edições do dicionário Aurélio acena para a preocupação dos autores do dicionário no sentido de buscar adequar as definições das unidades lexicais *raça* e *etnia* em consonância com estudos mais recentes da área e, de certo modo, atestar que “[...] o *dicionário geral da língua* pode aproximar-se do ideal de descrever e documentar o léxico de uma língua [...]”, tarefa essa desafiadora e de difícil alcance na sua totalidade, uma vez que “[...] o léxico cresce em progressão geométrica, hoje sobretudo, em virtude da grande aceleração das

²² “[...] languages categorize the natural and cultural world in useful ways. They are rich systems of classification (taxonomies) that can give important clues about how to study particular cultural beliefs or practices” (DURANTI, 1997, p. 26). Tradução nossa.

mudanças socioculturais e tecnológicas.” Isso quer dizer que “[...] nenhum dicionário, por mais volumoso que seja, dará conta integral do léxico de uma língua de civilização” (BIDERMAN, 1998, p. 130).

Quadro 5 – Verbetes *raça* no dicionário *Aulete* (1987 e 2011).

Verbetes original (1987)	Verbetes atualizado (2011)
<p>RAÇA¹ <i>s. f.</i> os ascendentes e descendentes originários de um mesmo povo ou de uma mesma família: A <i>raça</i> judaica; a <i>raça</i> saxônica; a ilustre <i>raça</i> dos Menezes. Geração, gente: Mal pensavam que uma <i>raça</i> corrupta não conhece outra estrada senão a da servidão ou a da licenciosidade. (Herc.) Geração, família: Junto destes ajoelhei e derramei lágrimas; eram sepulcros das <i>raças</i> que educara o Evangelho; dormitam lá irmãos meus. (Idem.) Variedade da espécie humana e em geral de qualquer espécie de animais que se conserva perpétua pela geração; estirpe: A <i>raça</i> branca; <i>raça</i> negra; a <i>raça</i> amarela; existem várias <i>raças</i> de cães. [Broca define-a: o conjunto de indivíduos assaz semelhantes entre si para se poder afirmar que descendem de antepassados comuns sem que poder se afirmar por isso que hajam descendido de um ou muitos pares (ou casais) primitivos.] (Fig.) Descendente (de qualquer sexo): Seu marido, ilustre <i>raça</i> dos Gonçalves. Categoria, classe ou grupo de pessoas com certas e determinadas qualidades ou predicados: A <i>raça</i> dos caluniadores, dos maldizentes, dos tartufos. Os homens em geral, a humanidade: As <i>raças</i> vindouras. Casta, variedade, espécie, jaez, laia. A <i>raça</i> humana, os homens. <i>Raça</i> de víboras (fig.), gente perversa: <i>Raça</i> infame de víboras dolosas. (Castilho.) o que provém de boa espécie, de boa espécie, de boa casta. <i>Nobreza de raça</i>, diz-se das pessoas que descendem de antepassados nobres ou cuja nobreza não foi havida mercê atual. <i>Ser de má raça</i> (loc. fam. e pop.), ter maus instintos, má índole, condição perversa ou tendência especialmente para o</p>	<p>raça (ra.ça) <i>sf.</i> 1 Grupo de pessoas ou de animais com determinadas características físicas hereditárias comuns; ESTIRPE; LINHAGEM: <i>gado da raça nelore; cães de raça.</i> 2 <i>Antr.</i> Geração ou sucessão de gerações de indivíduos de um desses grupos; o conjunto dos indivíduos com origem étnica, linguística e social comum [Quanto às acps. 1 e 2, modernamente, a cultura é considerada mais importante na classificação dos grupos humanos do que a raça, que é, inclusive, um conceito sem base biológica.] 3 <i>Pej. Pop.</i> Grupo de pessoas de comportamento semelhante, da mesma profissão etc.; CATEGORIA, CLASSE: <i>Conheço essa raça: não atenderão a essa hora.</i> 4 <i>Pop.</i> Grande força de vontade; decisão, coragem; <i>GARRA Jogando com raça, venceremos o campeonato.</i> 5 Ascendência, origem, estirpe, casta: <i>européus de distintas raças.</i> [F.: Do it. <i>razza</i>, deriv. do lat. <i>ratio, onis.</i>] ■ Acabar com a ~ de 1 <i>Bras. Pop.</i> Derrotar aniquilar, arruinar, matar 2 Vencer de modo definitivo, ou superar, desmoralizando De ~ De boa linhagem, de boa espécie (animal) (cavalo de raça) Na ~ <i>Bras. Gír.</i> Com disposição, com brio, com energia, usando a força e o entusiasmo Ter ~ 1 <i>Bras.</i> Ser de descendência africana. 2 Ser brioso, perseverante, enérgico, entusiasta, valente, na busca de um objetivo.</p>

mal; ser de má qualidade. (Bras.) <i>Ter raça</i> , provir de ascendência africana. <i>Na raça</i> (loc. pop.), à força, valente ou corajosamente; sem temer conseqüências; sem estar aparelhado para. Também se diz <i>na raça e na coragem</i> ou <i>no peito e na raça</i> F. ital. <i>Razza</i> . Cf Antenor Nascentes, <i>Dic. Etimo</i> .	
--	--

Fonte: elaboração das autoras.

Nota-se pelos dados registrados no Quadro 5 que a segunda acepção fornecida por Aulete (2011) faz menção, implicitamente, ao termo que melhor contempla o sentido mencionado na área da Antropologia, que é *etnia*: “indivíduos com origem étnica [...] comum”, que corresponde de forma avizinhada à primeira acepção da edição de 1987. Quanto à atualização da definição do termo *raça*, aspecto principal a ser examinado no âmbito deste estudo, constata-se que houve a preocupação na edição mais recente de esclarecer o emprego atual da unidade lexical *raça* com uma explicação entre colchetes, depois da acepção 2, referindo-se às duas primeiras acepções.

4 Considerações finais

Levando-se em consideração a discussão apresentada ao longo deste texto, pode-se considerar que o dicionário é um recurso de grande valia na intermediação entre sujeito e língua, inclusive levando-o ao entendimento sobre como as mudanças culturais ocorrem no decorrer do tempo. Porém, não é possível que esse compêndio atualize de imediato as eventuais mudanças semânticas, pois o léxico de uma língua sofre atualizações frequentes motivadas pelo uso de seus falantes. Aí reside a riqueza de uma língua, sua dinamicidade, como o demonstrado, no casodos verbetes examinados. Pode-se considerar, pois, que o dicionário registra as mudanças que correm na sociedade, o que fica evidenciado nas descrições/explicações fornecidas em algumas acepções dos verbetes *raça* e *etnia*, tanto na edição mais recente do *Aurélio* (2010) como no *Aulete* (2011), quando fornecem explicações pormenorizadas sobre a mudança de conceitos ocorridas em decorrência do novo entendimento decorrente dos

estudos na área da Antropologia. A explicação apresentada em ambos os dicionários foi registrada entre colchetes. Segundo *Aurélio* (2010, p. XVII), as explicações adicionais entre colchetes são as achegas, que trazem “informações adicionais à definição”. Já, de acordo com o *Aulete* (2011, p. XI), são “informações suplementares sobre determinada acepção, apresentada entre colchetes” e podem conter, entre outras coisas, “notas elucidativas” como ocorreu nas acepções a que foram feitas referências.

O dicionário apresentou-se, assim, como representante de um determinado tempo, em uma dada sociedade, com características condizentes com as situações culturais que mudam com o passar do tempo, porque, por sua própria natureza, deve reproduzir o pensamento da sociedade onde está inserido. Além dessas características, tomando-se o dicionário como discurso, pode-se perceber a forma pela qual nele se projeta “[...] uma representação concreta da língua, em que encontramos indícios do modo como os sujeitos – como seres histórico-sociais, afetados pelo simbólico e pelo político sob o modo do funcionamento da ideologia – produzem linguagem” (ORLANDI, 2000, p. 99-100).

O estudo demonstrou, pois, que os dicionários consultados podem ser entendidos como representantes de um determinado tempo, em uma dada sociedade e com características condizentes com situações culturais que sofreram mudanças com o passar do tempo. Isso ocorre, dada a sua própria natureza e o seu compromisso de reproduzir o pensamento da sociedade no momento histórico em que foi produzido. Como o objeto de estudo foram verbetes específicos de dois dicionários e de distintas edições, foi possível apreender a preocupação de seus autores no sentido de atualizar os textos definitórios, incorporando mudanças conceituais ocorridas na sociedade, assumindo, assim, o compromisso de tornar possível aos seus consulentes o acesso a novos sentidos assumidos pelas unidades lexicais *raça*, *etnia* e *etnicidade*. O dicionário consegue, até certo ponto, manter-se atualizado. Entretanto, apesar disso, o estudo apontou algumas lacunas com relação ao grau de atualização, conforme constatado pela análise dos verbetes que definem o elemento de composição *etno-*, em

ambos os dicionários, limitação até certo ponto compreensível, levando-se em consideração a tipologia dos dicionários consultados e, ao mesmo tempo, a complexidade que envolve a questão da definição em Lexicografia.

Ressalte-se, por fim, que as considerações aqui partilhadas não têm caráter exaustivo e se aplicam aos verbetes examinados segundo os parâmetros definidos para este estudo. Tem-se consciência de que outros estudos a partir de verbetes selecionados com base em outros critérios e com outros propósitos de análise poderão ratificar ou não as conclusões aqui apresentadas. Por fim, o estudo demonstrou uma das inúmeras possibilidades de pesquisas passíveis de serem desenvolvidas a partir de dados extraídos da nomenclatura de dicionários, orientadas por perspectivas teóricas distintas. No caso deste estudo, buscou-se a interface entre Lexicografia e Antropologia, Antropologia Linguística e Etnolinguística.

Referências

ANDRADE, C. D. de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

AULETE. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. vol. I. 5.ed. Rio de Janeiro: Delta, 1987.

AULETE. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. vol. II. 5. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1987.

AULETE. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. GEIGER, Paulo (org.). Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BARROS, D. L. P. de. O discurso do dicionário. **ALFA: Revista de Lingüística**. São Paulo, vol. 44, n. esp., p. 75-96, 2000.

BIDERMAN, M. T. C. O dicionário padrão da língua. **ALFA: Revista de Lingüística**. Lexicografia e Lexicologia. (Suplemento). São Paulo, vol. 28, p. 27-43, 1984.

BIDERMAN, M. T. C. A definição lexicográfica. **Cadernos do I.L.** Porto Alegre, n. 10, p. 23-43, jul. 1993.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 129-142.

CORREIA, M.; DE LEMOS, L. S. P.. **Inovação lexical em português**. Colibri, 2005. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=prefixo+ou+elemento+de+composi%C3%A7%C3%A3o%3F&btnG=. Acesso em: 24 abr. 2022.

COSERIU, E. **La socio y la etnolingüística**. Sus fundamentos y sus tareas, 1981. Disponível em: [La socio- y la etnolingüística | Coseriu | Anuario de Letras. Lingüística y Filología \(unam.mx\)](#). Acesso em: 06 fev. 2022.

DICK, M. V. do A. Etnia e etnicidade. Um outro modo de nomear. Projetos ATESP/ATB. *In*: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. vol. IV. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 177-197.

DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. New York: Cambridge University Press, 1997. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511810190>

FARIAS, V. S. Para uma teoria do exemplo lexicográfico: formas e funções da exemplificação em dicionários semasiológicos. **Fórum linguístico**. vol. 17, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/70670>. Acesso em: 22 fev. 2022. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020.70670>

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. (coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos), 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 22 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MIRA MATEUS, M. H. Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes? **Rev. de Letras**. n. 25, vol.1/2. jan/dez. 2003. p. 85-89.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: 3º SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO - PENESB - RJ, 05/11/03. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. Lexicografia discursiva. **ALFA: Revista de Lingüística**. São Paulo, vol. 44, n. esp., p. 97-114, 2000.

REY, A. Présentation du dictionnaire. In: REY, A.. **Dictionnaire alphabétique et analogique de lalangue française**. Paris: Le Robert, 1989.

SAPIR, E. **A linguagem**: introdução ao estudo da fala. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971, p. 205-216.

STREHLER, R. G. Marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 169-178.

VELARDE, M. C. **Lenguage y cultura**. La Etnolingüística. Madrid: Sintesis, 1991.

Artigo recebido em: 27.02.2022

Artigo aprovado em: 23.05.2022